

O ROMANCE EM MOVIMENTO: DO LIVRO À TV, DA TV AO DVD

Dra. Elzira Divina Perpétua¹ (UFOP)

RESUMO: *Se a mudança de suporte do texto altera o modo como o lemos, é indiscutível que a adaptação do texto literário à TV, ao amoldá-lo a um novo sistema de signos, permite ampliar sua leitura a níveis inimagináveis, a ponto de transformar o texto adaptado, literalmente, em outro texto. Se comercializado em formato DVD, o novo texto é novamente transformado, agora visando atender à demanda de mercado. Especialmente em se tratando de minisséries, essa existência continuada, termo tomado de empréstimo a Derrida para a obra traduzida, promove um movimento singular da obra de um suporte a outro. Colocando em discussão uma suposta fidelidade ao texto literário, as novas linguagens convidam a variadas hipóteses de leitura. É o que se pretende com o estudo de Os Maias, título da minissérie que funde vários outros romances de Eça de Queiroz e que, comercializada em DVD, promete retomar apenas o texto queiroziano homônimo.*

PALAVRAS-CHAVE: minissérie, Os Maias, adaptação, televisão, Eça de Queiroz

Introdução

Roger Chartier é um dos primeiros estudiosos contemporâneos a chamar a atenção para a alteração do modo de leitura à medida em que a evolução técnica modifica os suportes do texto ao longo dos tempos, do pergaminho à tela do computador. Se assim é, também é indiscutível que a adaptação do texto literário à TV, ao amoldá-lo a um novo sistema de signos, permite ampliar sua leitura a níveis variados, mais de acordo com o resultado da nova leitura que se apresenta ao público do que com o vocábulo que poderia indicar a ação da transformação do livro em imagens e diálogos: adaptação, adaptação livre, inspirada em, baseada em... A ponto de essa nova leitura transformar o texto adaptado, literalmente, em outro texto, em novo gênero, situado em outra época.

Se comercializado em formato DVD, o novo texto é novamente transformado, agora visando atender à demanda de mercado. Especialmente em se tratando de minisséries, essa existência continuada, termo tomado de empréstimo a Derrida para a obra traduzida, promove um movimento singular da obra de um suporte a outro: do livro à tv, da tv ao dvd.

Colocando em discussão uma suposta fidelidade ao texto literário, as novas linguagens convidam a variadas hipóteses de leitura. É o que se pretende com o estudo de *Os Maias*, título da minissérie que funde vários outros romances de Eça de Queiroz e que, comercializada em DVD, retoma apenas o texto queiroziano homônimo. No trabalho que aqui se apresenta estão os primeiros resultados de uma pesquisa iniciada em março de 2007, na Universidade Federal de Ouro Preto, pela qual se pretende um estudo comparativo de duas minisséries com seus respectivos romances – *Os Maias* e *Memorial de Maria Moura* – geradas a partir de obras literárias de dois autores consagrados, respectivamente, da literatura portuguesa e da literatura brasileira – Eça de Queiroz e Rachel de Queiroz.

O interesse imediato pela pesquisa dessas minisséries partiu do intercâmbio da literatura com a imagem virtual, cujo início remonta os primórdios do cinema falado, e só fez aumentar desde o advento da televisão. No caso do Brasil, essa tendência se faz mais notável com a recepção da tele-dramaturgia, que tem na telenovela sua maior representante. Ismael Fernandes, em *Memória da telenovela brasileira*, aponta dados impressionantes: entre 1963 e 1997, um total de 457 novelas foi levado ao ar, por oito emissoras brasileiras. E Leni Nobre de Oliveira, em sua tese de doutorado *Espaços contemporâneos de consagração e disseminação da literatura brasileira* (OLIVEIRA, 2006), revela que, desse total, 178 novelas envolvem textos literários de gêneros diversos, dentre as quais 149 são de literatura brasileira. Um número igualmente impressionante refere-se às minissé-

ries: a mesma pesquisadora totaliza 81 produções no Brasil, entre 1965 e 2003, com a utilização de 94 fontes, sendo 58 de obras brasileiras e 43 de outros países.

A televisão torna-se, assim, através da adaptação de obras literárias para novelas e minisséries, um precioso canal de divulgação da literatura canônica veiculada pelos livros, esta muitas vezes relegada aos currículos escolares e, portanto, a um público mais restrito. Leni Oliveira observa que provavelmente o contato com a literatura por meio das telenovelas esteja praticamente limitado ao atrativo exercido pelas estratégias audiovisuais, e que, embora as adaptações não tenham a pretensão de seguir à risca a obra escrita, pelas próprias contingências do gênero televisivo, mesmo assim, a contribuição é valiosa para o conhecimento geral da cultura literária, de autores e obras. Ressalte-se, porém, que um espectador não se tornará, a rigor, um leitor do livro adaptado.

Estudos da telenovela apontam que a escolha da obra para a televisão já deve conter, em sua gênese, alguns elementos imprescindíveis para o formato televisivo. Estes elementos estão presentes principalmente nos romances do século XIX, cuja estética, romântica ou realista, apóia-se muitas vezes em fórmulas, que definiram o gênero folhetinesco em que eram divulgados nos jornais da época, como o são, ainda hoje, na televisão. Esta é certamente a razão pela qual, dos gêneros literários propícios para serem transformados em imagens de televisão, a preferência tem sido pelo romance, tanto para as novelas quanto para as minisséries, conforme atesta a pesquisadora Leni Nobre de Oliveira (2006, p.144, 146).

Por outro lado, do ponto de vista da sofisticação da linguagem televisiva, a teledramaturgia enriqueceu-se com as minisséries, que têm ganhado espaço cada vez maior nas redes de TV. A qualidade técnica das minisséries aliada a certa fidelidade ao texto literário parecem ser indícios da existência de um público mais exigente que o das telenovelas. Outro motivo de seu sucesso seria a extensão das minisséries, não tão longa quanto as novelas, nem tão curta quanto os filmes. E, ainda, a disponibilidade do recurso técnico do DVD, colocado no mercado nos últimos anos, em especial os DVDs das minisséries, geralmente compiladas em números variados de discos, dependendo do número de capítulos filmados.

A propagada fidelidade ao texto literário e a qualidade do empreendimento, além do tempo de filmagem, foram os fatores motivadores desta pesquisa, que propõe um recorte viável para o estudo da teledramaturgia. Do ponto de vista do cotejo com o texto adaptado, o interesse por **Os Maias** veio primeiramente do fato de ser esta uma série que utilizou mais de uma obra do escritor Eça de Queiroz – **Os Maias** e **A Relíquia** especialmente – o que propiciaria à pesquisa uma investigação do processo intertextual mais amplo na teledramaturgia.

A existência de DVDs das minisséries **Os Maias** e **Memorial de Maria Moura** no mercado, com acessibilidade de aquisição devido ao número de discos (quatro de **Os Maias** e cinco do **Memorial**), foi preponderante na escolha dessas duas minisséries.

Provavelmente, o crescente intercâmbio televisão-obra literária, seja por meio das novelas ou das minisséries, é o fator que tem despertado a universidade, cada vez mais, para variados estudos sobre o tema, tanto na área de Letras quanto na de Comunicação, o que tem gerado um número considerável de pesquisas de pós-graduação nos últimos anos. Os processos investigativos vão desde a classificação dos horários de exibição dos programas e sua relação com os temas gerais da obra adaptada, até o cotejo entre obra escrita e texto adaptado.

Vinculada à área de Estudos Literários, esta pesquisa coloca em jogo não apenas a análise dos elementos narrativos envolvidos no processo da teledramaturgia, como caracterização dos personagens e enredo, mas outros que têm sido caros aos Estudos da Linguagem em geral e à Teoria da Literatura, ao longo, pelo menos, dos últimos cem anos. É o caso, por exemplo, das relações de autoria e da imprescindibilidade do papel do narrador, funções que, no texto adaptado para a televisão, praticamente desaparecem. Considerando-se, ainda, que a televisão propõe uma outra linguagem, diferente, portanto, da escrita, uma fase da investigação, conduzida dentro da área Literatura Comparada, terá como apoio teórico a Estética da Recepção e a Semiótica, em especial os Estudos da Tradução, no que tange à chamada tradução intersemiótica, que oferece apoio teórico mais amplo para atender a compreensão de diferentes suportes de texto.

Os Maias da TV e do DVD

O conjunto de DVD **Os Maias** nos oferece algumas surpresas: a primeira delas, apresentada no encarte da coleção pelo diretor da minissérie Luiz Fernando Carvalho, é que dos filmes da TV foi extirpada toda a parte referente a **A Relíquia**, para que esta fosse apresentada ao público em DVD próprio, e que até o presente momento não se encontra no mercado. Se desse arranjo depende, por um lado, a viabilidade mercadológica dos quatro discos de **Os Maias**, o que não é explicitado pelo diretor, por outro lado sua justificativa contribui para o debate sobre as possibilidades intertextuais que a adaptação midiática oferece.

Tais possibilidades se estendem também à questão da autoria, que se vislumbra ainda na caixa que recobre as unidades, simulando a capa, a lombada e a quarta capa de um livro na qual não falta sequer um pequeno texto de apresentação geral. Na capa, o título **Os Maias** separa os nomes de Eça de Queiroz e de Maria Adelaide Amaral, numa ambígua alusão à dupla autoria, da obra e da minissérie.

Inseridos os discos, cada um vai mostrar, além dos episódios, o entrelaçamento entre a literatura e a TV. No primeiro disco, sob o intertítulo “O Elenco”, atores e atrizes falam de seus papéis e de seu desempenho. O início da minissérie, contudo, não traz o nome de Eça nem o de Adelaide. O nome da autora da minissérie vai figurar como tal apenas no disco 2, com o intertítulo “A Obra” e que nos apresenta também um estudo dividido em tópicos, da professora Beatriz Berrini, da PUC-SP. O disco 3 contém apenas os episódios, e o disco 4, além das cenas finais, a ficha técnica, onde o crédito a Eça de Queiroz é finalmente dado como “inspirado na obra de” e a autoria é dada integralmente a Maria Adelaide Amaral.

Voltando ao disco 2, agora ao depoimento de Maria Adelaide Amaral, a autora da minissérie expõe seu modo de produção da série – com o livro de Eça aberto a sua frente todo o tempo em que escrevia. Dela sabemos que retirara praticamente todos as falas do narrador e os diálogos do que Eça escreveu para colocar na boca dos personagens. Sobre os outros livros de Eça, Adelaide explica que utilizou também as correspondências, ensaios e artigos jornalísticos do escritor para compor seus personagens e fazer Eça aparecer com suas idéias políticas através dos personagens João da Ega e Palma Cavalo. Por fim, sobre **A Relíquia**, a justificativa para inseri-la na minissérie não obedeceu ao critério intertextual, mas unicamente ao interesse de mercado: o romance **Os Maias** comportaria uma minissérie de no máximo 24 capítulos, quando o mínimo exigido era de 44 capítulos. “Como não tinha como espichar os Maias, tive de inserir **A Relíquia**”, afirma a autora. Adelaide conta que foi muito criticada por isso, mas afirma que não fez uma fusão entre as duas obras, uma vez que **A Relíquia**, por sua veia cômica, só pôde ser entrelaçada a episódios e personagens secundários da minissérie, em que o tom trágico do romance **Os Maias** prevaleceu. Daí, também, essa possibilidade de desfazer, no DVD, esse entrelaçamento.

Segundo Maria Adelaide, o recurso de casar mais de um texto ao de **Os Maias** se pautou também pelo fato de que o próprio Eça “tinha intenção de fazer personagens de uma obra migrarem para outra obra”. Refere-se ela, certamente, mas sem o explicitar, ao famoso Fradique Mendes em especial, um dos personagens mais retomados pelo próprio Eça em mais de uma obra.

Como caracterizar esse movimento intertextual de construção da minissérie: um pastiche? Um palimpsesto? Certamente que a relação intersemiótica nos dá outras probabilidades de mais de uma resposta, apontadas por Maria Adelaide como um caminho para interferências mais importantes em sua leitura do texto para a tela, das quais ela comenta duas, a que chama inovações: uma é a confessada necessidade de criar uma cena grandiosa para uma paixão amorosa que seria avassaladora e que traçaria o destino trágico dos personagens – o encontro de Pedro da Maia e Maria Monforte, que no livro é referido em poucas linhas pelo narrador e na minissérie mereceu a encenação grandiosa de uma tourada, com toda a cenografia própria desse espetáculo ambientada no século XIX. Se

é verdade que as novelas da televisão tendem a transformar os romances em melodramas, num preenchimento superficial dos vazios do texto, é também verdade que uma montagem da magnitude da tourada prevê não apenas o romance grandiosamente trágico de Pedro e Maria, mas também acode aquela necessidade de “esticar a história” na adaptação do texto à tela. A inquestionável qualidade da cena, certamente, pesou quando se decidiu que permaneceria também no DVD.

A outra inovação comentada por Maria Adelaide Amaral é o reaparecimento de Maria Monforte no final do filme, como a portadora da revelação do incesto de Carlos e Maria Eduarda, papel que no livro é atribuído a João da Ega, o fraternal amigo de Carlos da família Maia.

A alteração desses papéis, na verdade, modifica grande parte do final da narrativa queiroziana, posto que a Ega era dada a incumbência de ser o portador da caixa com os documentos de Maria Monforte para sua filha em Lisboa, após a revelação feita pelo entregador, o Sr. Guimarães, confiante da mãe. No filme, Maria Monforte aparece a Maria Eduarda e a Carlos, sem ainda reconhecer nele o filho que abandonara ainda bebê; só depois, quando aparece ao avô dos jovens, é ele quem apresenta a Carlos sua mãe, sem saber que estava revelando ao neto a relação incestuosa que vivia com a irmã. A Ega, na minissérie, cabe confirmar as suspeitas do avô dos jovens, e ser portador da notícia a Maria Eduarda. Um último encontro de Maria Eduarda com Carlos ainda ocorre na estação, onde ela espera o trem que a levará a Paris.

Esses movimentos de uma intriga que percorre vários personagens e aos poucos é revelada são muito conhecidos de todos que observam a técnica do suspense utilizada nas novelas. Se tal estratégia aumenta o suspense no filme, por outro lado, torna-se desnecessário no romance, pelo fato, além de outros, de Eça nutri-lo com a emblemática construção de uma personagem satírico como João da Ega, quase reduzido a um tipo apenas cômico na minissérie.

Uma cena importante do romance é mantida na minissérie: aquela em que Carlos vai a casa de Maria Eduarda para contar-lhe a verdade, e em vez disso, mantém com ela a última relação sexual, já consciente do parentesco consanguíneo. Na adaptação, a cena aumenta ainda mais o suspense criado por Maria Adelaide Amaral. No romance, a surpresa cabe exatamente a esta cena, que quebra o suspense da revelação do incesto a Maria Eduarda – como planejara Carlos – para alimentá-lo um pouco mais, seguindo-se as reflexões de Carlos, de Afonso e de Ega acerca do tragicidade de todos os acontecimentos.

Uma inovação ainda importante mas não comentada pela autora da minissérie refere-se à adaptação do tempo narrativo. A cena inicial da minissérie, que se abre com a visita de Ega e Carlos ao casarão abandonado dos Maiais, ocorre dez anos depois de todos os acontecimentos. O corte no tempo, e a volta ao passado é construído numa metáfora interessante pela câmera: Carlos tenta abrir a porta emperrada do escritório do avô, e quando o consegue, tudo lá dentro é vida. A narrativa, portanto, transcorre em *flash-back*, a partir daí, porém, de forma linear: Afonso e Pedro, Pedro e Maria Monforte, os filhos, o abandono, o suicídio de Pedro, Carlos e o avô, etc... até a chegada de Maria Eduarda a Lisboa e a avassaladora paixão entre os irmãos. O retorno à cena do casarão, porém, não ocorre na minissérie, o que promove uma quebra no sentido da opção pelo *flash-back*. Estranhamente, após a cena da estação em que Carlos se despede de Maria Eduarda para sempre, à trágica despedida se segue um diálogo cômico entre Ega e Carlos. Tal diálogo, existente no livro, só faz sentido porque a cena do casarão no romance é carregada de toda a emoção que comporta dez anos de separação e lembranças da juventude que Carlos resume na frase “É curioso! Só vivi dois anos neta casa, e é nela que me parece estar metida a minha vida inteira!”. Retomada quase com as mesmas palavras na cena inicial do filme, a fala de Carlos perde-se no final jocoso escolhido pela nova autora.

Essas primeiras anotações da adaptação de **Os Maiais** para a TV e para o disco digital, ao procurar comparar o texto em dois suportes, não pretende apontar a superioridade de um em detrimento de outro, mas confrontar modos de leitura e de recepção de uma história. Se o discurso sarcástico de Eça para com a Igreja e o Estado perdem terreno para o drama na minissérie, não é porque ele só faz sentido num romance realista do século XIX, mas porque sua recepção seria menos viável na tela em termos de mercado. Em contrapartida, a filmagem de **Os Maiais** nos leva a ler de uma nova

maneira o romance, à maneira de Eliot, para quem o texto do presente modifica nossa leitura do passado, e, portando, todo o conceito sobre a tradição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] AMARAL, Maria Adelaide. Os Maias (minissérie). Versão especial do diretor. Adaptação para DVD e direção geral: Luiz Fernando Carvalho. TV Globo; Som Livre, 2006. 4 discos (940 min).
- [2] CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998.
- [3] DERRIDA, Jacques. Des tours de Babel. In: GRAHAM, Joseph (Ed.). Difference in translations. Transl. Joseph Graham. Ithaca: Cornell University Press, 1985, p. 149-164.
- [4] OLIVEIRA, Leni. Espaços contemporâneos de consagração e disseminação da literatura brasileira. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. (Tese, Doutorado em Literatura Comparada, inédita).
- [5] QUEIROZ, Eça de. Os Maias: episódios da vida romântica. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

¹ **Elzira Divina PERPÉTUA, Doutora**
(Universidade Federal de Ouro Preto, Departamento de Letras)
E-mail: elzira@ichs.ufop.br